

Bolsas Oferta de ações

# Com crise geopolítica, empresas chinesas se afastam de Wall Street



TODD HEISLER/THE NEW YORK TIMES - 25/6/2024

Jack Ma (com martelo), fundador do grupo Alibaba, durante oferta de ações da empresa em Nova York, em 2014: listagem recorde na época

**Neste ano, companhias chinesas levantaram US\$ 580 milhões, muito longe da oferta de US\$ 25 bi do site Alibaba em 2014**

MEAGHAN TOBIN  
PEQUIM  
THE NEW YORK TIMES

Houve uma época em que a oferta pública inicial de uma empresa chinesa de internet era a coisa mais quente em Wall Street. Quando a gigante do comércio eletrônico Alibaba se preparava para abrir seu capital na Bolsa de Valores de Nova York, há uma década, os maiores bancos do mundo competiam ferozmente para subscrever a oferta.

Quando o sino de abertura tocou em 19 de setembro de 2014, os operadores de ações aplaudiram, usando moletons com a cor laranja característica do Alibaba sobre seus ternos. O IPO (oferta inicial de ações, na sigla em inglês) levantou US\$ 25 bilhões (R\$ 136 bilhões), a maior da história na época. Diversas outras empresas chinesas levantaram bilhões nos Estados Unidos nos anos seguintes.

Esses dias estão definitivamente no passado. Wall Street não viu nada que se aproximasse de um IPO chinês de grande sucesso em três anos. Na verdade, a seca está piorando. Até agora, neste ano, as empresas chinesas levantaram cerca de US\$ 580 milhões (R\$ 3,1 bilhões) em

listagens nos EUA, em junho, com um IPO da fabricante de veículos elétricos Zeekr.

Com a deterioração das relações geopolíticas entre a China e os Estados Unidos, ficou cada vez mais difícil para as empresas chinesas encontrarem um mercado estrangeiro onde a abertura de capital não seja prejudicada pelo escrutínio político.

**CRISE.** As coisas não estão melhorando na China. Como parte de um esforço de Pequim para exercer maior controle sobre o mercado chinês, os órgãos reguladores dificultaram a abertura de capital, diminuindo drasticamente o ritmo das listagens domésticas. Cerca de 40 empresas chinesas abriram seu capital no país este ano. Elas levantaram menos de US\$ 3 bilhões (R\$ 16,35 bilhões), uma fração do valor normalmente levantado a essa altura do ano, de acordo com dados da Dealogic.

Se o ritmo atual continuar, este ano terá o menor número de ofertas públicas iniciais chinesas em todo o mundo em mais de uma década.

A desaceleração é uma grande mudança em relação a um período em que as listagens multibilionárias de empresas chinesas de tecnologia ajudaram a alimentar a era dourada dos negócios privados na China.

A antiga recompensa em listagens públicas remodelou a forma como as startups levantavam dinheiro, atraindo mais capital privado de fora da China e permitindo que os investi-

dores estrangeiros e nacionais transferissem dinheiro para fora do país.

A mudança mostra como o líder máximo da China, Xi Jinping, reformulou os negócios privados, colocando-os sob o controle do governo e do Partido Comunista Chinês. As autoridades forçaram empresas bem-sucedidas a sair dos mercados públicos de ações, prenderam empresários e impediram abruptamente que setores em expansão obtivessem lucros.

**“O mercado em que uma empresa chinesa escolhe se listar hoje é influenciado por fatores além de seu valor comercial. É um produto de considerações geopolíticas”**

Linda Yu  
Investidora

**“Ninguém quer testar as águas”**

Murong Yang  
Future Capital Discovery Fund

“Muitos desses usos de capital que estavam passando pelo setor privado e pelo mercado de ações eram um risco em potencial para a influência do partido”, disse Andrew Collier, diretor administrativo da Orient Capital, uma empresa de pesquisa econômica de Hong Kong.

A incerteza gerada pela repressão de Xi Jinping eliminou bilhões de dólares em valor do

setor de tecnologia da China e levou as empresas de capital de risco dos EUA a reduzir drasticamente seus investimentos na China.

Ao mesmo tempo, as empresas chinesas estão inseguras quanto ao exame minucioso que poderão enfrentar se tentarem abrir o capital nos Estados Unidos, à medida que as tensões aumentam entre Washington e Pequim. “Ninguém quer realmente testar as águas”, disse Murong Yang, diretor administrativo do Future Capital Discovery Fund, em Pequim.

**SHEIN.** Em fevereiro, após relatos de que a Shein, a empresa de compras online fundada na China, pretendia abrir o capital nos EUA, o senador Marco Rubio pediu ao chefe da Comissão de Valores Mobiliários que bloqueasse a listagem se a empresa se recusasse a compartilhar informações sobre os vínculos com o governo chinês.

“O mercado em que uma empresa chinesa escolhe se listar hoje é influenciado por fatores além de seu valor comercial fundamental. É um produto de considerações geopolíticas”, disse Linda Yu, uma investidora dos EUA que trabalhou anteriormente com a gigante japonesa de tecnologia SoftBank e com a Warburg Pincus para investir na China.

Há quatro ou cinco anos, uma empresa chinesa bem-sucedida, com presença em um grande mercado, era uma candidata promissora para vender ações. “A pergunta que se fazia

na época era: ‘Por que você ainda não fez uma listagem no exterior?’”, disse Yu. “Mas agora ela mudou para ‘Por que você faria isso?’”.

**ABERTURA DE CAPITAL.** A maioria das empresas chinesas listadas nas Bolsas de Valores dos EUA abriu seu capital entre 2018 e 2021, quando os investidores disputaram participações em startups como a Full Truck Alliance, cujos aplicativos conectam clientes de frete e motoristas de caminhão, e a Kanzhun, que opera uma plataforma de busca de emprego.

Os anos de expansão terminaram em meados de 2021, quando a empresa chinesa de transporte de passageiros Didi Chuxing abriu seu capital na Bolsa de Valores de Nova York sem o aval dos órgãos reguladores chineses. Na época, a Didi tinha mais clientes na China do que a Uber no resto do mundo.

Dois dias após a abertura de capital, as autoridades chinesas forçaram a Didi a parar de registrar novos usuários e a se submeter a uma revisão de segurança cibernética. As preocupações eram de que a listagem poderia significar que a empresa teria de transferir dados sobre os chineses para os Estados Unidos.

As empresas privadas na China há muito tempo precisam descobrir como operar sem serem esmagadas pelas autoridades.

As principais Bolsas de Valores da China, em Xangai e em Shenzhen, foram estabelecidas no início da década de 1990 como parte das reformas que transformaram a economia do país, mas as ofertas públicas eram, em sua maioria, limitadas a empresas controladas pelo Estado. Entre 2011 e 2018, a China teve aproximadamente o mesmo número de IPOs que os Estados Unidos. Em 2019, a China lançou o Star Market, em Xangai, para incentivar as empresas de tecnologia a abrir seu capital no país. Mas os investidores chineses e os fundadores de empresas preferiram se listar em Nova York, se possível.

Desde que a Didi saiu da Bolsa, Pequim deixou claro que o poder e os lucros do setor privado da China devem ser direcionados para o impulso do país na busca da autossuficiência tecnológica. Os investimentos foram direcionados para áreas de ponta, como semicondutores, inteligência artificial e data centers.

“O órgão regulador de valores mobiliários da China tem sido tradicionalmente draconiano quando se trata de permitir a listagem de empresas – e esse plano é ainda mais rígido”, disse Collier. “Muitas empresas estão preocupadas com a listagem na China, ou sentem que não conseguem passar pelo buraco da agulha.” ●

ESTE CONTEÚDO FOI TRANSLADO COM O AUXÍLIO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E REVISADO POR NOSSA EQUIPE EDITORIAL.